

## SOCIEDADE E AVANÇO TECNOLÓGICO: O IMPACTO LINGUÍSTICO

Táise Pasquini Olanda<sup>1</sup>  
Lucinéia Contiero<sup>2</sup>

### RESUMO

Um dos papéis da linguística é olhar a língua como uma realidade heterogênea e buscar as bases dessa heterogeneidade diante do espaço geográfico, estruturas sociais e meios que viabilizam a comunicação. O passar do tempo é algo inevitável para as línguas, pois a mutabilidade ocorre de forma contínua e ininterrupta através de momentos no tempo, ainda que imperceptíveis aos falantes. Sendo a língua um produto da atividade humana, temos presenciado uma revolução tecnológica nos setores de comunicação. Este cenário de avanço tecnológico possui grande impacto linguístico em civilizações que são guiadas pelas tecnologias afetando seu léxico e sua estrutura, e nós, professores de línguas, devemos estar atentos a tais mudanças através de estudos. Muitos vocábulos e expressões acabam fadados ao desuso, enquanto novas expressões surgem, novos empréstimos e neologismos. Há sempre uma história social que precede as mudanças linguísticas, isto é, mudanças na organização social geram novas relações interacionais nas quais se geram processos de mudança. Oferecemos tal perspectiva avaliando suas implicações e consequências através de um recorte de dados de pesquisa empírico qualitativa realizada a partir de acervo referencial crítico fundamental, com contribuição dos teóricos como FARACO (2006); MARCUSCHI (2004); OSTLER (2005), entre outros que presenciaram o decorrer da pesquisa.

**Palavras-chave:** Linguística histórica, organização social; impacto linguístico.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho reúne pressupostos teóricos de autores fundamentais dedicados aos desafios da linguística e suas ciências auxiliares quanto ao resgate de elos idiomáticos perdidos até a tentativa de reconstrução de uma evidente protolíngua comum – da qual descenderiam todas as mais de seis mil línguas da atualidade. Esta abordagem é resultado de um estudo maior desenvolvido como projeto de pesquisa (2023) e cujo recorte, para esta ocasião, restringe-se a uma abordagem de natureza qualitativa de caráter referencial bibliográfico; trata-se de

---

<sup>1</sup> Docente de Língua Inglesa na Rede Estadual de Ensino do Paraná; Mestranda especial pela Universidade Estadual de Maringá; Especialista em Linguística pela Unyleya; Graduada em Letras/Inglês pela FAFIPA – Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Paranaíba/PR., taisepasquini2@gmail.com

<sup>2</sup> Docente Pesquisadora da UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte/ Letras - Línguas Estrangeiras Modernas, lucineiacontieroufrn@gmail.com

publicação de um recorte de sua fundamentação crítica, e esta seguirá, na evolução da pesquisa, por uma cronologia extensiva de aplicação a aulas de línguas estrangeiras. A motivação que marca a continuidade desses estudos e oportuniza este artigo se expressa na expectativa de incorrer por desdobramentos teóricos e novas análises, então em nível de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários, dentre os quais estão as razões da diversidade idiomática e investigação de caminhos percorridos pelas línguas e seus vocábulos, que ainda permanecem, em grande parte, obscuros para a linguística histórica. Entender como as línguas surgem, disseminam-se através de seus falantes, dispersam-se ou se misturam umas às outras pode auxiliar na compreensão histórica da humanidade; ao contrário, o acesso à história pode ser afetado pelo apagamento cultural decorrente da extinção de uma língua. Abordar as alterações linguísticas sob o criterioso viés etimológico ao entender a língua como uma herança cultural pode auxiliar na identificação das contingências históricas sofridas ou ocasionadas pelo homem diante de sua inserção na sociedade.

O ser humano moderno, mais especificamente o *Homo sapiens* (do latim “homem sábio”), possui uma característica distintiva que o diferencia das demais espécies do gênero *Homo*: a extraordinária capacidade cognitiva que lhe permitiu pensar de maneira inovadora e se comunicar utilizando novos tipos de linguagem (HARARI, 2020). Entre as espécies desse gênero, podemos citar o *Homo rudolfensis* (da África Ocidental), *Homo erectus* (Ásia Oriental), *Homo neanderthalensis* (Europa e Ásia Ocidental), entre outras, todas conhecidas graças aos vestígios fósseis que comprovam sua existência no passado remoto.

A cognição, característica exclusiva do *Homo sapiens*, foi crucial para sua sobrevivência, permitindo que a espécie se mantivesse até os dias atuais, enquanto as demais, carentes dessas habilidades avançadas, desapareceram ao longo do tempo. Segundo Harari, a linguagem desenvolvida pelo *Homo sapiens* é incrivelmente flexível, extremamente flexível, permitindo a combinação de sons e sinais para criar infinitas frases com significados distintos (HARARI, 2020, p. 33).

Historiadores, antropólogos e estudos genéticos indicam que o *Homo sapiens* surgiu entre 200 mil e 150 mil anos atrás, na África Oriental. Estudos anatômicos sugerem que o homem moderno sempre foi capaz de falar. No entanto, a linguística ainda não consegue recuar tanto no tempo, e por isso não temos registros dos falares que existiram nos últimos 190 mil anos (SALLES, 1995, p. 10).

O interesse pela relação entre homem e língua não compete somente aos linguistas, mas também aos historiadores, filólogos e antropólogos. Em *Sapiens – Uma breve história da humanidade* (2020), Yuval N. Harari destaca a Revolução Cognitiva há cerca de setenta mil

anos como o pontapé inicial nos registros culturais e no aprimoramento de habilidades comunicativas. Ao mesmo tempo, afirma que “já havia seres humanos muito antes de haver história” (HARARI, 2020, p. 14). O linguista John McWorther (2003, p. 5) confirma as exposições do historiador sustentando que os primeiros seres humanos capazes de falar uma língua viveram na África Oriental em torno de 150 mil anos. No entanto, enfatiza, “nós nunca saberemos exatamente quando a linguagem humana surgiu” (2003, p. 7).

Ao garantir que o homem se comunica desde sua existência, Ricardo C. Salles aponta os desafios da Linguística para estudar o passado. Segundo o autor, “[a linguística] ainda não conseguiu recuar mais do que 6-8 mil anos no passado linguageiro humano” (SALLES, 1995, p. 9). McWorther ressalta que a linguagem é tão sofisticada em todas as culturas humanas que é verdadeiramente uma característica da espécie em si e não de um subconjunto “civilizado” da espécie. Para o autor, “quanto mais remota e ‘primitiva’ a cultura, maior a probabilidade de a língua estar repleta de construções, declinações, exceções e sons bizarros” (MCWORTHER, 2003, p. 6, tradução nossa<sup>3</sup>). Na voz do linguista Mikhail Bakhtin (1890-1975), “todas as línguas (...) são pontos de vista específicos sobre o mundo, formas de conceitualizar o mundo em palavras, visões específicas do mundo, cada uma caracterizada por seus próprios objetos, significados e valores”. E assim entendidas, “essas línguas vivem uma vida concreta, se embatem e evoluem num ambiente de plurilinguismo social” (1981, p. 291-292 *apud* FARACO, 2003, p. 32). Sob viés da relação entre homem e língua, o filósofo historiador Michel Foucault (1926-1984) ressalta, em *As palavras e as coisas*, que “a língua de um povo fornece seu vocabulário e seu vocabulário é uma bíblia bastante fiel de todos os conhecimentos deste povo” (2016, p. 121). Assim, a comparação linguística em diferentes tempos parece ser suficiente para termos uma ideia dos progressos e regressos das várias sociedades ao redor do mundo – notícia expressa também na *Linguística Histórica* (2006) de Carlos Alberto Faraco, que oferece uma dimensão desse movimento ao ressaltar que “uma coisa é estudar a história de uma ciência recuperando suas origens e seu desenvolvimento no tempo”; tarefa da linguística histórica. “Outra é estudar as mudanças que ocorrem nas línguas humanas, à medida que o tempo passa”; atividade específica da linguística histórica (2006, p. 13). Para Faraco, os processos de mudanças de uma língua emergem de um quadro linguístico heterogêneo e, embora ainda nos falte elucidar esse processo, a “mudança encontra terreno fértil para ocorrer

---

<sup>3</sup> The more remote and “primitive” the culture, the more likely the language is to be bristling with constructions and declensions and exceptions and bizarre sounds (...) (MCWORTHER, 2003, p. 6).

justamente quando duas ou mais variedades passam a se confrontar dialeticamente no intrincado universo das relações sócio-interacionais” (FARACO, 2006, p. 34).

O linguista Nicholas Ostler, em seu *Empires of the word – A Language History of the World* (2006), aborda de forma detalhada as trajetórias das línguas que mais impactaram as sociedades: a primeira, cuja origem ainda permanece desconhecida, é o Sumério, falado na antiga região da Mesopotâmia; posteriormente, o Sumério foi suplantado pelo Acádio devido ao contato de povos distintos, ocasionando uma espécie de bilinguismo. O autor lembra que “especialistas concordam que o equilíbrio da língua falada na Suméria mudou por volta de 2400-1600 a.C. do total sumério para o total acádio” (OSTLER, 2006, p. 53, tradução nossa<sup>4</sup>). A linguística histórico-comparativa, para Ostler, surgiu através do contato entre diferentes povos, línguas e culturas por volta de 1700. Esse estudo comparativo das línguas no século XIX e XX foi uma importante aventura intelectual, relevando muito sobre o fluxo das línguas e da história humana, antes mesmo da existência de documentos escritos.

Atualmente, a linguística histórica conta com pesquisas filológicas e etimológicas para sanar questões que permanecem obscuras para a ciência. Enquanto a filologia se dedica a famílias de línguas baseadas em documentos escritos, a etimologia realiza pesquisas de forma mais abrangente sobre as origens dos vocábulos e expressões: “como uma edição crítica”, passa por “muitas etapas rigorosas e, mesmo assim, as soluções de étimo são múltiplas e sujeitas à revisão” (VIARO: 2022, p. 97). Ainda segundo Viaro, reconstruir línguas por meio de estudos etimológicos é uma tarefa complexa, comparável a reconstruir dinossauros a partir de poucos vestígios fossilizados. Ele ressalta que a história das línguas é sempre uma história de misturas, seja entre línguas muito diferentes ou variantes próximas e que “(...) não há, nunca houve, nem haverá línguas puras” (2022, p. 128).

Migrações e outros fatores contribuíram para a disseminação da primeira língua humana, que provavelmente se originou na África Oriental e se espalhou para a Ásia, Europa e, eventualmente, para outras partes do mundo, atravessando oceanos. Esses movimentos deram origem a inúmeras novas línguas, resultando no cenário atual, com mais de seis mil línguas espalhadas geograficamente pelo globo terrestre.

Embora muitos linguistas afirmem ser impossível recuperar a primeira língua do ser humano, as páginas de *The Power of Babel*, de John McWhorter (2003), e *Empires of the Word: A Language History of the World*, de Nicholas Ostler (2005), discutem a relação entre língua

---

<sup>4</sup> (...) specialists agree that the balance of the language spoken in Sumer shifted over the period 2400-1600 BC from total Sumerian to total Akkadian (OSTLER, 2006, p. 53).

e humanidade sob uma perspectiva histórico-antropológica, ou seja, conectando o ser humano ao passado por meio da linguagem, que tem servido como uma forma de moeda de troca nas sociedades ao longo de milênios e constitui uma identidade intrínseca a todos os povos. Segundo Ostler (2005), as línguas são transmitidas de geração em geração representando uma tradição que pode parecer imortal, mas que, na realidade, enfrenta ameaças de extinção.

Atualmente, há uma grande preocupação por parte dos estudiosos em registrar línguas que correm o risco de desaparecer, mesmo que já não sejam faladas ativamente. Preservar essas línguas é uma maneira de manter viva a essência cultural e o conhecimento acumulado por milênios. Quando uma língua se extingue, perde-se também todo o saber contido nela, incluindo fenômenos específicos observados por seus falantes.

Em uma tentativa de reconstruir a primeira língua do ser humano, linguistas russos realizaram estudos comparativos para reconstruir a primeira língua humana, agrupando línguas em mega-famílias, mas enfrentaram controvérsias devido a correspondências linguísticas incertas, como abordado em *Nostratic: Sifting the Evidence* (1998). Entre as várias contribuições linguísticas, destaca-se também o trabalho de Joseph Greenberg, que propôs que muitas línguas indígenas das Américas descendem de uma macro-família linguística e, em *Languages of Africa* (1963), organizou a classificação de mais de mil línguas africanas, estabelecendo uma base para estudos futuros e influenciando pesquisas sobre estruturas linguísticas até os dias atuais.

Embora muitos linguistas acreditem que a reconstrução da primeira língua humana, conhecida como protolíngua, seja impossível, estudos dedutivos têm revelado certos aspectos dessa estrutura. Para McWhorter (2003), as inflexões linguísticas e a forma como elas se perdem com o tempo, especialmente em situações de contato linguístico, indicam que as línguas crioulas e pidgins, por serem menos complexas, mantêm características que podem estar mais próximas da protolíngua original. Neste contexto, levanta-se a hipótese de que as línguas crioulas e pidgins — muitas vezes vistas como de menor prestígio por sua simplicidade morfológica, sintaxe descomplicada e léxico reduzido (TARALLO; ALKMIN, 1987) — podem ser, na verdade, chaves para desvendar as incógnitas da linguística histórica sobre as primeiras formas de comunicação humana. Com base em tal premissa, este trabalho busca abordar conceitos do pluralismo linguístico a fim de discutir amplamente alguns aspectos relacionados à linguística histórica – campo passível de abranger a etimologia, a filologia, a antropologia, a arqueologia cultural, a sociolinguística, a geolinguística, a etnolinguística, a biolinguística, permitindo uma abordagem interdisciplinar com valiosas contribuições para a área da Linguagem e da História.

### ***Pluralismo Linguístico: referencial teórico em pauta de discussão.***

As línguas têm servido como moeda de troca dentro das sociedades há milênios e são características intrínsecas de todos os povos. Devido à rapidez de sua mudança, não há como ter a certeza de que uma língua será transmitida de forma infinita ou de forma sucessiva às futuras gerações. “Uma vez que a cultura tenha registros escritos, os primeiros traços começam a ser estabelecidos, o que mais tarde permitirá que a história da língua seja escrita” (OSTLER, 2006, p. 11, tradução nossa<sup>5</sup>).

A língua atua muito além de um simples meio de comunicação. Ela pode ser facilmente utilizada como uma forma de estabelecer a identidade de uma comunidade e agrega consigo as marcas de percepções, julgamentos e inspirações desse grupo. Quando uma língua é substituída por outra, a cosmovisão de determinado grupo pode mudar ou, simplesmente, desaparecer (OSTLER, 2006). Sob perspectiva etimológica, a língua é um código herdado composto por unidades de diversos tamanhos (fonemas, morfemas, palavras, expressões idiomáticas); um código-ferramenta que foi herdado da geração que usava antes do nascimento do falante. Logo, é um sistema herdado em movimento, inclusive de sistemas pretéritos (VIARO, 2022).

Abordar a língua somente em seus aspectos exteriores, visíveis ou visualizáveis pode limitar o trabalho da linguística histórica, cuja preocupação é abordar os fenômenos evolutivos a partir de relações estabelecidas entre a língua em si e a comunidade que a utiliza ao longo de sua história. Portanto, os acontecimentos linguísticos (fonético-fonológicos, morfossintáticos, semântico-lexicais) estão intimamente relacionados com os processos históricos que os condicionaram. Identificar os processos de variação em uma língua nos ajuda a entender que a realidade linguística está em constante mutação e que as sociedades desempenham um papel fundamental diante dos diversos cenários que abrangem seus idiomas. Línguas como o Sânscrito, Acádio, Grego e Latim, que um dia pareceram imortais diante do grande prestígio e domínio que as acompanharam, foram todas suplantadas (OSTLER, 2020). Há muitas outras línguas consideradas extintas, assim como há conjecturas sobre a existência de outras, e ainda aquelas que jamais conseguirão ser identificadas devido à falta de resquícios ou evidências. Isto porque nossa linguagem única evoluiu ao longo do tempo como uma maneira de compartilhar informações sobre o mundo de forma organizada e coletiva. Este fato é

---

<sup>5</sup> “Once a culture has written documents, the first traces begin to be laid down which will later enable the history of the language to be written” (OSTLER, 2006, p. 11).

provavelmente um dentre vários aspectos que contribuíram para a preservação da nossa espécie até os dias atuais. Devido à falta de habilidades cognitivas, as demais espécies do gênero *Homo* sucumbiram ao longo do tempo, resumindo-se apenas a vestígios arqueológicos de seres que um dia habitaram o planeta. É verdade que os estudos linguísticos só conseguem retroceder a um limite do passado, devido à condição atual da Ciência (SALLES, 1995, p. 10), contudo, preserva a hipótese de um monogenismo linguístico que traria todas as demais línguas como suas descendentes.

Segundo McWorther (2003), teorias apontam para a predisposição genética do ser humano para a aquisição da linguagem; indício apontado com base na comprovação de que danos causados em áreas específicas do cérebro podem afetar diretamente a capacidade de comunicação do indivíduo. McWorther destaca que a linguagem não é apenas uma habilidade condicionada, visto que “nossos cérebros evoluíram em uma direção exclusivamente adequada para processar linguagem”. Haja vista os bebês, que “balbuciam espontaneamente em todas as culturas, independentemente de a cultura estar predisposta a “goo goo” (2003, p. 8, tradução nossa<sup>6</sup>).

A análise genética comparativa permite traçar a trajetória do *H. sapiens* até seu local de origem no passado, mais especificamente a região da África Oriental. No entanto, dificilmente descobriremos qualquer evidência a respeito da primeira linguagem desenvolvida e adquirida na região, afirma McWorther (2003). Acredita-se que nossa comunicação tenha sido aprimorada apenas nos últimos trinta e cinco mil anos – período já da referida Revolução Cognitiva de que trata Harari, contextualizada entre 70 e 30 mil anos atrás (2020). No contexto, certamente não havia meios manuais para gravar a primeira língua, tampouco necessidade de seu registro de forma escrita (habilidade iniciada somente em torno de 3.500 a.C.), além de as pessoas descendentes desse primeiro grupo étnico na região da África Oriental não terem conservado essa primeira língua. A mutabilidade incontestável que acompanha as línguas, especialmente quando comparadas dentro de uma janela de tempo milenar, tem fatalmente contribuído para a extinção de muitos idiomas.

### ***Fatores que auxiliam para a disseminação de uma língua.***

---

<sup>6</sup>“(…) language is not entirely just a conditioned skill grafted onto more general aspects of cognition and that our brains have evolved in a direction uniquely suitable to processing language. [...] Babies babble spontaneously in all cultures, regardless of whether the culture is predisposed to ‘goo goo’ (…)” (MCWORTHER, 2003, p. 8).

Nosso campo de abordagem parte das migrações, juntamente com demais fatores que auxiliam para a disseminação de uma língua, que provavelmente levaram o primeiro idioma da África Oriental para a Ásia, em seguida para a Europa e, eventualmente, para as demais direções, cruzando o Oceano Pacífico até as Américas. Esses movimentos transformaram a primeira língua em muitas outras, gerando, como resultado, cerca de seis mil línguas distribuídas geograficamente em todo o mundo (MCWORTHER, 2003).

Registros de uma época marcada por importantes contatos entre povos distintos com línguas distintas fez que o homem admitisse a necessidade de estudos dedicados a análises linguísticas. Foi neste cenário de confronto entre sociedades, línguas e culturas fortemente estabelecidas que surgiu a linguística histórica comparativa (OSTLER, 2006). Ao final do século XVIII, semelhanças observadas entre línguas distantes ~~no espaço, tal como o sânscrito e latim,~~ puderam auxiliar na compreensão de aspectos da história da humanidade – intenção que parte de um confronto entre diferentes falares para investigação de relações sistemáticas (correspondências fonológicas regulares impossíveis de serem fruto do acaso) entre itens lexicais cognatos com similaridades no som e no significado (FARACO, 2006).

Desde a segunda metade do primeiro milênio d.C. observou-se grande dificuldade de comunicação e de compreensão entre povos da Espanha, França e Itália que habitavam a região da Europa Ocidental (OSTLER, 2006). A língua latina, vencedora na disputa entre os povos gregos e romanos, perdia espaço para novos idiomas e já apresentava significativas alterações. O surgimento da literatura vernácula, impulsionada pela escrita, fez com que se percebesse que algumas línguas tinham se tornado rústicas e preteridas por seus usuários.

O primeiro teórico de tal percepção foi o autor Dante Alighieri (1265-1321) que, em *De Vulgari Eloquentia* (difundida entre 1302 e 1305), reconheceu que a gramática atuava como uma forma de preservação das línguas românicas. Mesmo com dificuldade de convencer os discípulos, Alighieri observou a mudança gradual premeditável no latim e, cinco séculos anteriores à teoria evolucionista de Darwin (1802-1882) ser apresentada ao mundo alterando os rumos dos estudos linguísticos, Alighieri afirmou que uma determinada cidade sempre existiu com a mesma língua. A mudança da língua acontece ao longo de uma sucessão de tempo muito longa, à revelia do tempo de vida dos homens, muito curta por natureza. “A gramática nada mais é do que a identidade da fala inalterável para tempos e lugares diversos” (*apud* OSTLER, 2006, p. 321, tradução nossa<sup>7</sup>), completa.

---

<sup>7</sup> “(...) *grammatica* is nothing but the identity of speech unalterable for diverse times and places (OSTLER, 2006, p. 321).

Ao tempo que o latim perdia espaço para outras línguas, Alighieri defendia a utilização da língua italiana na literatura, pois o número de habitantes que passaram a compreender melhor o italiano era maior dentre aqueles que utilizavam o latim. Em torno de 1700 d.C., a língua italiana passou a ser considerada uma das principais línguas do mundo, enquanto o latim perdia cada vez mais prestígio e falantes. Para McWorther (2003), tudo sobre uma língua é eternamente mutável: as gírias, a designação cultural, o som, o significado de palavras básicas, a ordem das palavras e a gramática. Embora os falantes não percebam essas mudanças, a língua é um sistema dinâmico que pode se transformar em algo completamente novo. O principal fator condicionante para o fenômeno é a utilização da língua por seres intrinsecamente enraizados em mudanças culturais.

Há três mil anos a língua francesa que conhecemos hoje não possuía falantes; ainda não existia. O francês surgiu através do latim devido a uma profunda transformação de sons, estruturas e mudanças de significados de palavras básicas (MCWORTHER, 2003). Naturalmente, as línguas se misturam nos mais variados níveis e, muitas vezes, servem a outras vocabular e gramaticalmente. A linguística histórica centra-se nas mudanças que ocorrem nas línguas ao longo do tempo, reconhecendo que elas não são estáticas e suas estruturas se alteram continuamente (FARACO, 2006). Apesar dessas transformações, as línguas mantêm-se como sistemas organizados, oferecendo aos falantes os recursos necessários para a comunicação.

Para os linguistas, é necessário olhar a língua como uma realidade heterogênea, buscando sempre compreender as bases dessa heterogeneidade. De acordo com pesquisas dialetológicas (que se iniciaram ao fim do século XIX) e as sociolinguísticas (que se estruturaram a partir da década de 1960 do século anterior), “toda e qualquer língua é um conjunto heterogêneo de variedades” (FARACO, 2006, p. 31). Não se nega, a reflexão histórica e a percepção de que as línguas mudam no eixo do tempo estão fortemente ligadas às preocupações filológicas das sociedades humanas (FARACO, 2006). A Filologia, por exemplo, concentra seus estudos em textos antigos, clássicos, e seu interesse é estabelecer e fixar sua forma original, porém, nem sempre a comunicação humana se serviu da escrita e, por séculos, as línguas não tiveram qualquer forma de registro. Na voz de Faraco (2006), embora não haja uma conexão direta e linear entre estudos linguísticos anteriores e a linguística histórica que surge no final do século XVIII, existe um longo processo de construção entre essas investigações. Esse processo envolve a reflexão sobre as línguas considerando sua variabilidade no tempo.

Neste mesmo cenário de longos processos das línguas moldados pelo tempo, também a Etimologia se dedica a refletir sobre as línguas; sua busca é investigar se o trânsito de uma

palavra deixou marcas por onde tenha passado (VIARO, 2022). Sob este viés, para McWorther, praticamente todas as mais de seis mil línguas existentes surgiram através de mudanças graduais da primeira língua falada há mais de 100 mil anos “nas savanas da África Oriental” (2003). Assim como os organismos vivos, é possível dizer que as línguas são passíveis de “mutações” e adaptações, que evoluem de uma para outra, para sublínguas, para dialetos, ou mesmo para o limbo, deixando completamente de serem faladas.

O cerne do estudo histórico das línguas é um complexo jogo dialético entre o social e o estrutural. O resultado do contato direto entre diferentes comunidades pode ser caracterizado em três tipos: migração: uma comunidade se move massivamente levando uma nova língua com ela; difusão: falantes de determinada língua não se movem em grande número, mas os falantes de outra comunidade vêm para assimilar a sua língua, ~~à de outra com quem estão em contato~~ ISSN: 2358-8829; e infiltração: basicamente uma mistura das duas primeiras (OSTLER, 2006).

Lembremos, como ilustração, os povos portugueses, que foram os primeiros europeus capazes de se projetar para demais continentes como a costa da África, o sul da Ásia e a América do Sul graças o domínio da tecnologia do século XV: embarcações a vela e o uso da bússola magnética (OSTLER, 2006). Essa conquista permitiu a dominação de povos e territórios, inicialmente através de forças militares e comerciais, seguidas por conversões religiosas e a criação de dioceses. Como resultado, a língua portuguesa tornou-se uma língua franca para o comércio, comunicações internacionais e missões religiosas, gerando efeitos linguísticos complexos e abrangentes.

A chegada dos portugueses ao Brasil em 1500 marcou o início da colonização, consolidada em 1532 com as capitanias hereditárias. Os indígenas, isolados de contato com outros povos por milênios, falavam línguas próprias. A colonização trouxe pacificação forçada e a importação de escravos africanos, formando a base da população brasileira: indígenas, africanos e portugueses. A cultura e a língua portuguesa tornaram-se dominantes. O tupi, língua indígena costeira, foi simplificada e gramaticalizada pelos jesuítas para facilitar a comunicação entre os povos. O linguista Teyssier (2014, p. 94) explica que os “colonos” de origem portuguesa falavam o português europeu, ainda que com traços específicos que se acentuaram no decorrer do tempo. As populações de origem indígena, africana ou mestiça aprenderam o português; manejado de forma imperfeita. Paralelo à língua portuguesa havia o tupi, principal língua indígena das regiões costeiras brasileiras à época, que foi gradativamente sendo simplificada, gramaticalizada por jesuítas comprometidos em torná-la uma língua comum a esses povos forçosamente reunidos.

Por muito tempo o português e o tupinambá conviveram lado a lado. O tupinambá foi escolhido como língua geral utilizada pelos bandeirantes em suas expedições. No processo de colonização, o tupinambá foi o principal meio de comunicação entre os nativos da região. Porém, a partir de 1759, os missionários jesuítas protetores das aldeias indígenas e principais disseminadores da língua geral foram expulsos por bandeirantes portugueses devido à descoberta do ouro e de pedras preciosas na região; assim, puderam explorar o território com liberdade. A língua geral passou a ser proibida, restando dela apenas certo número de palavras integradas ao vocabulário e topônimos. Obrigava-se, oficialmente, a partir de então, o uso da língua portuguesa. Este cenário de criação de uma língua geral para comunicação entre povos distintos é comum em conquistas e disputas territoriais. Também pode ser considerado base para a fusão de línguas diferentes.

ISSN: 2358-8829

Geralmente os falantes retêm a gramática de suas línguas maternas, mas substituem seu vocabulário por um novo idioma ou vice-versa (MCWORTHER, 2003). A percepção da relevância do contato linguístico como causa desencadeadora de mudança se iniciou no começo do século XX, quando os linguistas definiram terminologias para a compreensão de diferentes cenários observados em situações de contato entre línguas (FARACO, 2006). São eles: a) *substrato* (língua substituída por outra, mas que deixa influências); b) *superestrato* (língua introduzida em um território sem substituir a nativa); e c) *adstrato* (línguas vizinhas que interferem mutuamente). Esses tipos de contato podem gerar bilinguismo, multilinguismo e diglossia, com mudanças linguísticas contínuas e graduais. As línguas, embora reflexos da cultura, seguem processos independentes de transformação (2006, p. 69).

As mudanças presentes nas línguas são contínuas, graduais e lentas; correlacionadas a complexos processos sociais, culturais, geográficos e geopolíticos. As línguas são reflexos da cultura, mas não subordinadas a ela. Os sons, estruturas de frases e significados não são determinados pela cultura, mas por seus inúmeros processos milenares de transformações (MCWORTHER, 2003).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O advento tardio da escrita obscureceu o caminho traçado por mais de 100 mil anos de comunicação humana por meio de um sistema linguístico funcional não registrado. O poder de visualização da língua que a escrita beneficiou ao homem apenas por volta de 3500 a.C. acarretou uma padronização linguística em diversas sociedades e, conseqüentemente, diminuiu

o ritmo das alterações fonético-fonológicas das línguas. No entanto, essas mudanças ainda acontecem e estão ao nosso redor, ainda que nós, falantes, não percebamos.

Até o momento, a intangibilidade das línguas e todas as metodologias desenvolvidas pela Linguística Histórica para desvendar o passado languageiro humano não avançaram mais do que os últimos 20 mil anos. Devido à heterogeneidade intrincada nas línguas, pode ser que cada uma delas necessite de um método distinto, e não um método padrão, aplicável. A extinção de muitos idiomas, dialetos e variações ocasionou um apagamento cultural na história da humanidade que não poderá ser resgatado. Paralelamente, resquícios da protolíngua universal podem presenciar várias partes do globo, apenas aguardando a possibilidade de serem mapeados e identificados, elucidando o passado e recuperando parte da nossa história mais distante.

ISSN: 2358-8829

## REFERÊNCIAS

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica: Uma introdução ao estudo da história das línguas**. 1ª Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FOCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 10ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: Uma breve história da humanidade**. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. Et. al. **Filologia, história e língua: olhares sobre o português medieval**. 1ª Ed. São Paulo: Parábola, 2018.

MCWORTHER, John. **The Power of Babel: A Natural History of Language**. 1ª Ed. New York: Harper Perennial, 2003.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Estudos do Discurso: Perspectivas teóricas**. 1ª Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

OSTLER, Nicholas. **Empires of the world: A language history of the world**. 1ª Ed. New York: Harper Perennial, 2006.

SALLES, Ricardo C. **Passeando por Babel: uma viagem pelo fascinante universo verbal do homem**. Rio de Janeiro: Opera Nostra, 1995.

TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa**. 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

VIARO, Mário Eduardo. **Etimologia**. 1ª Ed. São Paulo: Contexto, 2022.